



CAPOEIRA ANCESTRAL, UMA PRÁXIS AFRO-BRASILEIRA

ANCESTRAL CAPOEIRA, AN AFRO-BRAZILIAN PRAXIS

Leandro Ribeiro Palhares - Licenciado e Mestre em Educação Física e Doutor em Estudos Interdisciplinares do Lazer - todos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Adjunto do Departamento de Educação Física da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (DEFI/UFVJM). Desenvolve ensino, extensão e pesquisa referentes aos fundamentos ancestrais da capoeiragem. Email: leandro_palhares@yahoo.com.br.

RESUMO

O presente estudo foi proposto seguindo o percurso metodológico qualitativo da revisão bibliográfica e tendo suas análises baseadas no processo construtivo e interpretativo, embasado pela Epistemologia Qualitativa. A capoeiragem pode ser uma das principais experiências históricas afro-brasileiras. A Capoeira Ancestral, que emergiu, aproximadamente, entre 1850 a 1920, se fundamenta em processos coletivos, éticos, conscientes, de resistência. Ela apresenta, até os dias de hoje, um caráter decolonial e sem fins capitalistas/mercadoológicos. Os fundamentos da Capoeira Ancestral se constituíram a partir de saberes africanos. Seus ritos de guerra, de festejos e religiosos apresentavam um fazer comum, um eixo norteador: a condução do corpo, permeado pela música e pelo canto. A comunicação sempre se fez presente pelo som (tambores, palmas, corpos, vozes): a corpo-oralidade como método de preservação das identidades étnicas, dos valores e saberes ancestrais. O Recôncavo Baiano foi o berço da capoeiragem, agregando os fundamentos codificados no berimbau e nos cantos — e os Candomblés, os Sambas de Roda e o Batuque também se desenvolveram segundo a mesma episteme africana. Na Capoeira Ancestral, cada toque de berimbau tem função, cada formação de bateria codifica um saber corporal que precisa ser decifrado; o capoeirista tinha de aprender a ler carta de ABC. Resgatar a Capoeira Ancestral torna-se um passo importante na reparação das memórias e fundamentos ancestrais da capoeiragem, resistindo por décadas ao silenciamento e invisibilização, porém, ainda hoje, vivos.

Palavras-chave: Capoeira. Ancestralidade. Matriz africana.

ABSTRACT

The present study was proposed following the qualitative methodological path of the bibliographic review and having its analyzes based on the constructive and interpretative process, based on Qualitative Epistemology. The *capoeiragem* can be one of the main afro-brazilian historical experiences. The Ancestral Capoeira, which emerged approximately between 1850 and 1920, is based on collective, ethical, conscious, resistance processes. It has, until today, a decolonial character and without capitalist/market purposes. The foundations of Ancestral Capoeira were formed from african knowledge. The rites of war, festivities and religious rites presented a common action, a guiding axis: the conduction of the body, permeated by music and singing. Communication has always been present through sound (drums, palms, bodies, voices): body-orality as a method of preserving ethnic identities, ancestral values and knowledge. The *Recôncavo Baiano* was the birthplace of *capoeiragem*, adding the fundamentals coded in *berimbau* and in the corners — and *Candomblés*, *Sambas de Roda* and *Batuque* also developed according to the same african epistemology. In Ancestral Capoeira, each *berimbau* touch has a function, each drum formation encodes a body knowledge that needs to be deciphered; the *capoeirista* had to learn to read ABC letters. Rescuing the Ancestral Capoeira becomes an important step in repairing the ancestral memories and fundamentals of *capoeiragem*, resisting for decades the silencing and making invisible, but still alive today.

Keywords: Capoeira. Ancestrality. African matrix.

INTRODUÇÃO

A Revista Expressa Extensão, vinculada à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, da Universidade Federal de Pelotas, através da temática ‘extensão com cultura em todas as dimensões’, possibilita o diálogo entre cultura e educação, tendo a extensão universitária como mediadora. Com isso, me permito aqui discorrer sobre a capoeiragem — fruto de minhas intervenções extensionistas há uma década, permeada pela produção acadêmica e científica, muitas vezes extraídas das ações práxis na Extensão Universitária.

A partir do tema estabelecido pela organização do periódico, para a construção deste trabalho, minha ideia inicial foi estabelecer conexões entre capoeira, cultura e identidade, sob o propósito de contribuir na preservação e disseminação de saberes ancestrais por meio das relações com o espaço universitário. Desse movimento, surgiu o tema da capoeira enquanto práxis afro-brasileira e a construção de saberes dos complexos culturais de matriz africana, buscando refletir sobre a noção de patrimônio imaterial e suas relações com as comunidades tradicionais *versus* a mundialização/globalização das culturas.

Para tanto, me vali para este texto do percurso metodológico qualitativo da revisão bibliográfica. Em verdade, me propus ir além do material textual; utilizei referencial iconográfico, audiovisual e musical, afinal, os registros de memórias, fundamentos e saberes dos povos e culturas africanas e afro-brasileiras sempre se deram prioritariamente pela corpo-oralidade. Com isso, o princípio metodológico se voltou para a compreensão, não linear, da realidade social de sujeitos, comunidades ou culturas, por meio de análises interativas das referências estudadas, via processo construtivo e interpretativo — embasado pela Epistemologia Qualitativa, atribuindo significados àquilo que se deseja compreender e se predispondo às interações (REY, 2003, 2005; PALHARES, 2018).

Partindo do princípio metodológico e entrando nas questões que fundamentam a temática em discussão, se faz necessário trazer uma brevíssima síntese do contexto histórico como base para entendimento dos processos culturais aqui discutidos. O Brasil foi invadido pelos portugueses no ano 1500. Em 1538 tem-se um registro de tráfico de negros para o Brasil sob o regime de escravidão (REGO, 1968). Ou seja, aproximadamente, nos primeiros cinquenta anos da invasão europeia, já havia o sequestro, o cárcere privado e a imposição da escravidão para humanos de origem africana¹, em terras brasileiras. Em 1558 se tem a notícia do Kilombo de Cumbé, em Pernambuco, o primeiro constituído no Brasil (CAPOEIRA, 1996). A partir destes dados preliminares podemos refletir que, se hoje nosso país tem 520 anos de existência ‘pós-estupro social e cultural’ das comunidades nativas, as influências diaspóricas africanas tem quase quinhentos anos! Portanto, a capoeiragem² pode ser considerada uma das principais experiências históricas afro-brasileiras.

Como sabemos, a organização das comunidades afrodiaspóricas kilombolas *não se deu de forma harmônica* e passiva. Os cidadãos dos mais distintos povos do continente-mãe se organizaram em torno de suas culturas e complexos histórico-culturais, sincretizando saberes e ressignificando alguns de seus costumes, ritos e tradições (HALL, 2017; LEITE, 2008; MOURA, 1995; PRIORE; VENÂNCIO, 2003). E pela junção dos saberes de guerra desses diferentes povos se originou a “... luta do mundo construída pelos africanos” (SANTOS, 1991, p. 20) — uma luta corporal (marcial) —, pela associação de gestos corporais, fundamentos e ‘o espírito’ das lutas africanas (JOGO DE CORPO, 2013), sincretizadas no Brasil como contraponto ao sistema escravocrata, que posteriormente foi nomeada de capoeira por seus observadores (os colonizadores) e não por seus criadores (praticantes/capoeiristas).

A capoeira, luta africana no Brasil, existiu em nosso país por cerca de trezentos anos em um formato primitivo³, de caráter combativo e letal, com a finalidade de luta corporal, por sobrevivência (PALHARES, 2019). O sincretismo cultural que houve neste período histórico se deu pelos mais diversos povos Bantus, que vieram de uma macrorregião conhecida por Angola (Rota de Angola). Portanto, a capoeira em seu caráter primitivo pode ser considerada “de origem angola” (COUTINHO, 1993, p. 48).

O abastecimento em Angola era coisa natural. [...] um mercado novo, abundante, fácil. [...] Tôda essa carreira para os portos de Angola era devido à boa qualidade dos escravos, principalmente no que tange à submissão [...] Talvez por essa facilidade que existia no mercado de Angola, associada à boa mercadoria, é que os historiadores concluem pelo pioneirismo de Angola na remessa de escravos para o Brasil. (REGO, 1968, p. 16)

A capoeira nos primeiros 300 anos de sua existência primitiva, não tinha cantos nem bateria de instrumentos (como conhecemos hoje, nos mais diversos estilos⁴); sua essência era o corpo marcial, uma luta de guerra! Tal pressuposto também foi identificado por Rego (1968, p. 58):

Não conheço documentação fidedigna que afirme taxativamente que no princípio, no jôgo da capoeira só havia golpes. Entretanto, uma observação dos fatos me leva a crer

1 Tenho consciência dos silenciamentos étnicos e assassinatos culturais que foram calculados com frieza e promovidos propositalmente, ao simplificar as ricas diferenças dos povos que habitavam livremente o continente-mãe, berço da humanidade, referindo-se a todos como africanos. Aqui não o faço com esta conotação, apenas por uma questão de facilidade para a escrita quando me refiro a diferentes povos, porém que habitavam o mesmo continente (como se diz dos sul americanos ou dos europeus).

2 Tudo referente à vida de Capoeira: fundamentos; rituais; comportamentos; vivências...

3 O termo primitivo se remete à originalidade, inicial. A Capoeira Primitiva foi a primeira a se constituir em solo brasileiro (a partir de meados do Século XVI até meados do século XIX).

4 Para maiores aprofundamentos sobre os diferentes estilos de Capoeira – Primitivo, Ancestral, Angola, Regional e Esportivo –, ver Palhares (2019).

que o acompanhamento musical não existia, conseqüentemente os toques teriam vindo depois e se adaptado aos golpes e a eles ficado intimamente ligados... (REGO, 1968, p. 58)

Na segunda metade do Século XIX, apesar do enfraquecimento político e econômico do sistema escravocrata, havia uma forte repressão, inclusive policial/carcerária, devido à criminalização penal da capoeiragem (Primeiro Código Penal da República, de 1890; Decreto número 847, Capítulo XIII – Dos Vadios e Capoeiras –, apresentado na íntegra por Oliveira e Leal, 2009, nas páginas 197 e 198). Tal contexto social, político e cultural à época exigiu que os povos da diáspora brasileira, especialmente aqueles que desembarcaram forçadamente na temporalidade específica (segunda metade do Século XIX) — os povos Nagôs (Sudaneses) —, se organizassem estrategicamente, fazendo uso de sua ‘força’⁵ cognitiva/intelectual, para, mais uma vez, ressignificar seu pluriverso cultural.

... a mudança do tráfico para a Costa da Mina povoa Salvador com negros sudaneses, vindos de culturas extremamente elaboradas e com forte sentimento “nacional” (aqui falamos das “nações” africanas), prontos a se organizar separados, diversos, e da resistência cultural partir para a revolta armada. (MOURA, 1995, p. 24)

Desta forma, os saberes ancestrais (LEITE, 2008; PRIORE; VENÂNCIO, 2003) que os permitiram preservar e ressignificar, dentre tantos outros aspectos de sua pluriversidade histórico-cultural, suas culturas corporais marciais milenares, sincretizadas na Capoeira, foram codificados nos cantos (narrativos e, portanto, educativos) e nos toques de berimbau (inserido na capoeira nesse período). Essas codificações são o que atualmente se entende por fundamentos (TINHO-RÃO, 2008) e esta (modalidade de/estilo de) capoeira passo a denominar, aqui, de Ancestral⁶.

Outras características desta nova conformação da capoeira, segundo Palhares e Nonato (2018), foi a corporalidade com propósito para uma luta ética e a codificação pelos berimbaus (marcações, dobras, repiques e formações de bateria), ambas para mediar os conflitos internos e fortalecer aqueles coletivos na resistência ao sistema vigente. Para Palhares (2019),

[...] a Capoeira Ancestral foi (e ainda é) o fundamento das demais Capoeiras. Essa Capoeira desenvolvida entre os anos 1850 a 1930 foi a ‘ciência’ (no sentido de produção de conhecimento: um saber social e politicamente orientado; com uma episteme e métodos próprios e pertinentes ao seu contexto fundante; sabedoria) que possibilitou a existência [...] ([dos – grifo meu] estilos: Regional, Angola e Esportivo) (PALHARES, 2019, p. 9).

A Capoeira Ancestral, aquela que emergiu⁷, aproximadamente, na temporalidade entre 1850 a 1920, se fundamenta em um processo coletivo, ético, consciente e de resistência, cuja gênese se baseou em preceitos ancestrais de matriz africana (BULE-BULE, 2010; JOGO DE CORPO, 2013; LEITE, 2008; MOURA, 1995; PRIORE; VENÂNCIO, 2003; SODRÉ, 2017). Ela apresenta, até os dias de hoje, um caráter decolonial, com propósitos político e social e sem fins capitalistas/mercadológicos (ABREU, 2017; BIANCARDI, 2006; COUTINHO, 1993; REGO, 1968; SANTOS, 1991). Como falou o Mestre Noronha, um dos detentores dos saberes ancestrais da capoeiragem: “o que é uma luta de grande valor que o mundo quer tapitar o seu fundamento” (COUTINHO, 1993, p. 111).

5 Opto por utilizar esta palavra e ainda destacá-la entre aspas simples para marcar uma posição decolonial e de resistência quanto à dicotomia que o intelecto está relacionado ao branco enquanto que o negro está vinculado ao corporal/braçal. E corroboro com a denúncia que esta é uma construção social ocidental, colonial, machista e patriarcal.

6 Capoeira Ancestral se refere ao mesmo estilo a que outros autores e praticantes denominam por Antiga, Velha, Escrava ou Tradicional. O porquê de nominá-la com esta outra adjetivação encontra justificativa nos parágrafos subsequentes, ao longo de todo o tópico seguinte e, por que não dizer, que demonstrado ao longo de todo o presente artigo.

7 Emergir no sentido histórico-cultural de se constituir por meio de uma organização não linear, complexa, dialética, disruptiva e baseada em relações, vínculos e propósitos.

PENSAR NAGÔ: POR UMA EPISTEME AFRICANA

Os fundamentos da Capoeira Ancestral se constituíram a partir de saberes africanos, predominantemente aqueles advindos do norte do continente — região do Delta do Rio Níger (Rota da Mina) —, isto é, um modo de pensar e agir no mundo diferente dos valores eurocentrados/ocidentais (LEITE, 2008; PRIORE; VENÂNCIO, 2003; SODRÉ, 2017; TINHORÃO, 2008). As últimas levadas de africanos obrigados a vir para o trabalho escravo no Brasil foram aqueles da rota do Delta do Rio Níger (apesar de ainda aportarem no Brasil os povos originários da rota Congo-Angola, porém em menor expressão). O meu entendimento é que a Capoeira Ancestral seria talvez muito mais Nagô/Sudanesa/Yorubá que Angola propriamente dita (PALHARES, 2019). Waldeloir Rego, em seu ensaio sócio-etnográfico, compara os Nagôs aos negros de Angola: “... no que tange à submissão [dos negros de Angola – **grifo meu**], o que não possuíam os nagôs, que eram chegados à rebeldia e arruaças” (REGO, 1968, p. 16).

... Salvador seria a cidade colonial em que o negro tinha maior presença, onde a chegada de iorubas e islâmicos daria novas cores e significados às fortes tradições festivas dos bantos. Lá se deflagram as grandes revoltas urbanas, conflitos que legam à sociedade brasileira da Primeira República o temor de levantes negros nas capitais... (MOURA, 1995, p. 21)

Aos olhos de quem ocorrem comportamentos rebeldes e manifestações enquanto arruaças (a partir de quais valores, padrões e percepções — moral, ético, social e cultural)? Sob outra ótica (não hegemônica, anti opressora) tais características podem ser analisadas e compreendidas como um movimento contínuo (e necessário) de resistência por meio de uma organização intelectualizada de movimentos sociais, como relata Moura “O islamismo, como ideologia religiosa e guerreira, passa a ter grande influência entre os escravos em Salvador, operando um movimento cultural de grande importância que se fortalece na marginalidade com a organização de cultos religiosos e sociedades secretas” (MOURA, 1995, p. 25). Ou, ainda, como se referiu Frede Abreu em relação à vadiagem como matriz do atraso brasileiro (por conta da negação ao trabalho): “vadiar, vagabundar podiam ser sinônimos de liberdade, uma reação à ordem social escravista e exploradora da mão de obra” (ABREU, 2017, p. 105).

Tanto a capacidade intelectual como a de organização estratégica e força (não somente física, mas também espiritual) dos povos Sudaneses, de origem Nagô — vindos da Costa da Mina, região onde hoje estão localizados os países Gana, Togo, Benin e Nigéria (LEITE, 2008) — podem ser identificadas, por exemplo: na organização do levante ocorrido em Salvador no ano 1835 e que ficou conhecido como a Revolta dos Malês (DIANNA, 2016; REIS, 2003); bem como na organização ritualística do samba, na capital imperial (Rio de Janeiro) e dos sambas de rodas, no Recôncavo Baiano (BULE-BULE, 2010; DORING, 2013, 2016; MOURA, 1995; TINHORÃO, 2008).

Os iorubas ou nagôs ganham prestígio do meio negro, assim como os islamizados vindos do outro lado, com a chegada recente e maciça dos prisioneiros da guerra, vindo entre eles negros cultos, conscientes do valor de suas culturas expressas por elaboradas filosofias e práticas religiosas. (MOURA, 1995, p. 23)

Seus ritos de guerra, de festejos e religiosos apresentavam um fazer comum, um eixo norteador: a condução do corpo permeado pela música e pelo canto. Na cultura e tradição Nagô, o ensino se dava por meio dos cantos, histórias e mitos Yorubás — chamados de itan — portanto, cantos que narravam sua história ancestral. Para Rocha e Silva (2014, p. 247) “essa metodologia de ensinamento é perceptível no cotidiano das comunidades negras em diferenciadas circunstâncias”. A comunicação sempre se fez presente pelo som (tambores,

palmas, corpos, vozes), “por ela comunica-se a história, a vivência, os valores, os saberes e conhecimentos. Ela se expressa na corporeidade negra, nas suas falas, danças, músicas e rituais” (ROCHA; SILVA, 2014, p. 243). A corpo-oralidade como método de manutenção e preservação das identidades étnicas, dos valores e saberes ancestrais.

A Bahia foi um local especial para a capoeira devido à diversidade de grupos étnicos que ali desembarcaram e se sincretizaram, em especial na segunda metade do Século XIX, por conta do alto fluxo de Yorubás (Nagôs islamizados), “durante o século XIX, a maioria dos iorubás, listados como nagôs, acabou na Bahia” (HALL, 2017, p. 199). Aqueles povos trouxeram sua cultura, seus valores, costumes e tradições, além, como já disse (mas vale a pena reforçar), sua inteligência, seus saberes e métodos de transmissão. E, para eles, o melhor modo de conhecimento é a práxis (o saber, a sabedoria) e o melhor processo de ensino e aprendizagem, portanto de salvaguarda e perpetuação geracional dos saberes, encontra-se na oralidade. Nesse sentido, como apontam Rocha e Silva

... os mais velhos ocupam lugar privilegiadamente de notoriedade. Longevidade é sinônimo de sabedoria. Sabedoria é sinônimo de patrimônio imaterial. São esses sábios quem controlam os saberes e têm o discernimento da hora certa, do lugar certo, das pessoas certas a quem devem ser transmitidos. Esses saberes encontram-se fundamentados na Tradição Oral. Tradição entendida aqui como herança de nossos ancestrais, ou seja, tudo aquilo que eles conheceram e com uma metodologia muito particular, transmitiram. (2014, p. 243-244)

Corroborando com a citação acima, permito-me, aqui, utilizar outro termo para referir aos mais velhos: sabidos. Sabido é uma FORÇA de expressão proferida, no documentário ‘Memórias do Recôncavo – Besouro e outros capoeiras’, por Fefeco: um senhor negro, à época com 69 anos de idade, cidadão do Município de Iguape, no Recôncavo da Bahia, ao se referir à Besouro Mangangá. Sabido é uma forma regionalizada de referir-se àquele que tem sabedoria, um detentor dos saberes, um mestre (MEMÓRIAS DO RECÔNCAVO, 2008 - 39m18s a 39m32s).

Segundo Noronha, um dos sabidos à época, “a capoeira veio da africa trazida pello africano todos nois sabemos diço porem não era educada quem educor ella famos nois baiano para sua defeiza pessoal que estar nois meios social” (COUTINHO, 1993, p. 18-19). Uma outra leitura, a seguir, nos mostra o quão coerente é a fala do mestre Noronha em afirmar que a capoeiragem enraizou-se na rotina social e cultural do povo baiano; fê-la de sua espinha dorsal porque de seus corpos políticos já pertencia.

No Estado da Bahia, o Recôncavo Baiano foi, e ainda pode ser considerado, o berço da capoeiragem ‘dos antigos’ (ABREU, 2017), agregando os fundamentos codificados no berimbau (instrumento de sustentação desse patrimônio) e nas músicas de domínio público⁸ (metáforas da vida cotidiana — pessoal e de trabalho), que cumprem função de mediação dos conflitos e educação dos corpos. Tais funções mediadoras e educativas, apesar de um eixo norteador comum — os toques de instrumentos, os cantos narrativos e a corporalidade consciente (os fundamentos) —, caracterizavam-se por diferenças temporais e regionais, a noção de linhagens (tão presente, e fundamentalmente enriquecedora, na Capoeira Ancestral): “... o negro escravizado em Salvador não perde seus hábitos coletivistas, teimosamente mantidos, seus vínculos de linhagem e família, que no caso dos iorubas eram pontos de referência religiosa essenciais...” (MOURA, 1995, p. 23).

Para Cobrinha Verde, outro dos sabidos à época — discípulo do lendário Besouro Mangangá, — “a capoeira foi praticada pelos africanos que vieram da África acorrentados prá trabalharem nos engenhos. A capoeira nasceu dentro de Santo Amaro e Cachoeira, no Brasil. Depois foi

⁸ As músicas com propósitos ancestrais são de ‘autoria’ coletiva, não têm dono, marca ou patente; não foram compostas para venda, mas para cumprir um propósito social.

que se espalhou” (SANTOS, 1991, p. 20). Ou ainda, conforme Bimba, lendário capoeirista que criou a Regional — uma linhagem da Capoeira Ancestral (porque não?⁹), “os negros, sim eram de Angola, mas a capoeira é de Cachoeira, Santo Amaro e Ilha de Maré, camarado!” (ABREU, 2017, p. 77).

POR UMA PRÁXIS COMPLEXA: DIALÉTICA E DIALÓGICA

Esta organização/sistematização orientadora e educativa, portanto, provida de intelecto, não é algo exclusivo da Capoeira Ancestral. No Recôncavo da Bahia, o Candomblé, os Sambas de Roda¹⁰ e o Batuque¹¹ também se desenvolveram segundo a mesma episteme africana, uma relação de propósitos/pertinências (sociais, históricas e espirituais) que constituem os fundamentos. De acordo com Abreu, “para o Recôncavo também se requer as origens do samba-de-roda, do samba-de-pandeiro e viola, e de tantos outros tipos de samba. Do batuque luta, do maculelê e de outras manifestações da cultura afro-baiana. Todas elas com interfaces com a capoeira” (2017, p. 77).

Ao lado do candomblé e da capoeira, o samba de roda representa memória e presença sociocultural e estética das matrizes africanas na Bahia, formando os alicerces da identidade negra e baiana, menos conhecidos na sua (est)ética mais profunda, e nas múltiplas dimensões que vão além do visível, do belo e da alegria do momento. (DORING, 2013, p. 38)

Hall (2017) denominou de crioulização este fenômeno complexo de constituição dinâmica de novas culturas (em solo brasileiro, por exemplo) a partir de fundamentos ancestrais africanos. A crioulização seria, portanto, a ação de crioulizar, ou seja, tornar crioulo, tornar-se crioulo! Aquilo que provém de países em que houve escravidão de africanos e diferenciando os negros nascidos no Brasil daqueles vindos do África, mas enaltecendo e preservando suas raízes ancestrais (BIANCARDI, 2006). Katharina Doring apresenta uma passagem que nos diz muito da necessidade de crioulização na atualidade, enquanto movimento decolonial — de resistência e sobrevivência:

Professor da rede estadual, Ozeias revela que alguns alunos estranham quando ele refere-se a si próprio como preto. De punho cerrado e mostrando o próprio braço para enfatizar o que diz, se expõe: “Nossa cor é preta. Olha aqui. Temos que ter consciência e nos orgulhar disso. Ainda há muitas feridas abertas. As pessoas mais velhas preferem o silêncio, mas, às vezes, o silêncio esconde muito. Está na hora de se expressar”. Hoje, [...] os negros de Antônio Cardoso se expressam através do resgate da memória, dos terreiros de candomblé, do samba de roda e da capoeira. (DORING, 2013, p. 43)

Para Bastide (1961), Biancardi (2006), Hall (2017) e Lobo (2015), o candomblé, enquanto culto aos Orixás, teve influência fundamental dos Yorubás/Nagôs para sua configuração ritualística e hierarquia, conduta moral, ética e orientação pela musicalidade. No candomblé, por exemplo, determinados cantos são para toques específicos nos atabaques, que se complementam/dialogam formando uma bateria para um Orixá específico. Além disso, os processos são conduzidos por três tambores: cada qual com seus toques/ritmos individuais

9 Conforme argumenta Muniz Sodré, em Abreu (2017, p. 77), “o que existia mesmo, nos começos, eram formas diversas de uma capoeiragem primitiva, antiga, que a exemplo da região do Recôncavo, encaminham-se para uma síntese urbana em Salvador. Angola e Regional são formas diferenciadas dessa síntese”.

10 Me refiro aos sambas, no plural, pois o termo samba expressa um conjunto outras manifestações populares: “... cultivando até hoje a batucada, o bate-baú, o lundu, o coco, o caxambu, o jongo, o tambor de crioula e todas as modalidades surgidas no calor dos sambas” (TINHORÃO, 2008, p. 104).

11 Luta corporal ritmada, muito violenta, praticada no Recôncavo da Bahia; já extinta.

e suas funções específicas (BASTIDE, 1961; BIANCARDI, 2006). E cada formação dos três instrumentos representa uma codificação diferenciada para aquele ritual; ou como disse Emília Biancardi, revisitando a obra de Edson Carneiro: “[os atabaques – **grifo meu**] complementam-se enquanto linguagem musical, formando, por justaposições polirrítmicas, os toques dos deuses africanos” (BIANCARDI, 2006, p. 312).

Já me referi, neste texto, às diferenças de linhagens: adaptações nos modos de condução dos processos coletivos e nas maneiras de transmissão geracional, porém, preservando os fundamentos, de acordo com as características particulares de um determinado povo/agrupamento de pessoas/comunidade. Estas diferenças foram fundamentais para a preservação e salvaguarda dos sambas de roda até os dias de hoje (quando, paradoxalmente, se busca invisibilizar o diferente, padronizando os corpos, as músicas e até pensamentos). Doring nos apresenta a diversidade do samba de roda:

... samba de coco, samba rural, samba de caboclo, samba de estivador, samba duro, barravento, samba de parada, samba de parêla, batuque, martelo, tropeiro, samba-de-rojão, samba beira-mar, samba litoral, samba catingueiro, samba de verso, samba de metro, chula-e-batuque samba brasileiro, samba no pé, samba de “esparro”, de “putaria” e de “ma-tratá”, além dos clássicos samba corrido, samba amarrado, samba chula e samba de viola ... (DORING, 2016, p. 19)

Os regionalismos podem ser compreendidos como uma forte capacidade de adaptação cultural (relacionada, diretamente, às estratégias de resistir identitariamente). Outro aspecto da lógica de educação africana enquanto construção social se dá quando “a poesia cantada na música da diáspora africana, se expressa pelo uso criativo da metáfora, [...] do subentendido, por vezes malicioso, [...] alertando, dando ‘recado’, assim construindo uma prática discursiva...” (DORING, 2016, p. 99).

... passaram a usar os versos de seus cantos para conversar entre si enquanto trabalhavam, o que descobriram ser possível fazer através não apenas do emprego de seu quase dialeto, composto pela mistura de português com palavras africanas, mas da inteligente ocultação do sentido do que diziam pelo jogo metafórico das imagens. Esse hermetismo só inteligível para os participantes da cultura do grupo, únicos possuidores da chave para a decifração do duplo sentido de certos versos, os escravos viriam, já no século XIX, a chamar de *fundamento*. E sem essa chave ninguém conseguia, ainda na segunda década do século XX, penetrar o sentido dos pontos de jongo ou dos cantos que os negros mineiros da decadente zona de mineração de Diamantina chamavam de *vissungos* (TINHORÃO, 2008, p. 125-126).

Já o batuque, uma luta violenta (por isso chamado de batuque-luta) também fora praticada no Recôncavo Baiano. Suas características corporais (quedas por meio de bandas e projeções; exigência de agilidade e atenção; firmeza de posições-base; e dinâmica de movimentação), bem como a formação da bateria (similar à Capoeira — com berimbau e pandeiro ou com a presença de tambor e pandeiro — diferenças de linhagens) muito se assemelhavam à capoeira (ABREU, 2014; BIANCARDI, 2006). Entretanto, os principais marcadores africanos fundamentados nesta manifestação afro-baiana eram: a ritmização da luta; seu cancionário (ABREU, 2014) — cantos narrativos dos confrontos e, portanto, sinalizadores das condutas na luta —; e a ética educando a violência para fortalecer aquele coletivo, ou seja, por mais duro que fosse a luta, os praticantes respeitavam sua função; cada um a seu momento da luta “encontrava jeito de dificultar a tarefa do batuqueiro que atacava” (ABREU, 2014, p. 50). Quer dizer, os dois batuqueiros não podiam entrar na roda e fazerem o que bem entendiam. Havia um princípio ético norteador: apenas um atacava, enquanto o outro procurava se defender; e depois invertia função.

Por fim, a constituição dos complexos culturais afro-brasileiros, especialmente aqueles do Recôncavo Baiano no Século XIX, e em sua transição para as duas primeiras décadas do Século XX, se deu de modo dinâmico, pois as diferentes manifestações populares eram praticadas (e frequentadas), basicamente, pelas mesmas pessoas, de determinadas comunidades. Assim, na Capoeira Ancestral, podemos encontrar influências: 1) do candomblé — cada toque de berimbau tem função, cada toque de capoeira (formação de bateria, com dois ou três berimbaus) codifica uma intencionalidade corporal; 2) do samba de roda — os cantos narrativos (a musicalidade com propósito de narrar os acontecimentos, esclarecer situações e evitar conflitos desproporcionais e que enfraqueçam o coletivo); 3) do batuque — a corporalidade consciente e ética (os dois jogadores tinham funções específicas: cabeceiro e tabaréu). Os saberes codificados tinham de ser decifrados; o capoeirista tinha de aprender a ler carta de ABC! (ABREU, 2017; CARYBÉ, 1951; CATUNDA, 1952; COUTINHO, 1993; MESTRE GATO PRETO, 1999, 2001; MESTRE PARANÁ, 1963; MESTRE TRAÍRA, 1963; MESTRE WALDEMAR, 1955; PINHEIRO, 2010; SANTOS, 1991; VADIAÇÃO, 1954).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatar a Capoeira Ancestral torna-se um passo importante na recuperação e reparação das memórias e fundamentos ancestrais da capoeira, a qual vem resistindo por décadas ao silenciamento e invisibilização econômico, mercadológico e midiático: “... dos toques e golpes primeiros, de uso de todos os capoeiras, uma boa parte foi esquecida, permanecendo uma pequeníssima e uma outra desapareceu em função, como já disse, do desenvolvimento econômico e social” (REGO, 1968, p. 35). Porém, as memórias ‘dos antigos’ e os fundamentos ancestrais ainda hoje se encontram vivos! Os registros em áudio de rodas, as entrevistas em áudio ou escritas, os vídeos documentários, as gravações de músicas e as imagens em fotos e desenhos são algumas chaves deixadas pelos ‘antigos’ para que possamos decodificar os fundamentos ancestrais da capoeira (TINHORÃO, 2008). Tarefa fácil, simples? Não, não mesmo! Requer estudo, paciência, persistência, abnegação; requer deixar de lado sua graduação, título, rótulo, empresa, ego e vaidades para se colocar no melhor lugar: o de aprendiz. Torna-se necessário envolver-se em um processo de decolonização interior, dos nossos pensamentos, compreensões de mundo, discursos e práticas/ações; tudo junto e misturado:

... a cosmovisão é um construto que reúne espiritualidade, natureza e humanidade. A partir dessas ideias, podemos identificar os princípios que assentam a cosmovisão africana: integração, diversidade e ancestralidade. Os três princípios só existem em comunhão, sem isolamento ou exclusão. Tudo é classificado por categoria ou função, interligando-se como um todo por meio do princípio da inclusão. A ancestralidade é, junto com a integração e a diversidade, um dos três princípios básicos que norteiam a cosmovisão africana. O universo é concebido como um todo integrado e diversificado onde o diferente é contemplado e desejado e não apenas aceito. A diversidade possibilita as trocas e as relações de alteridade e respeito pelo outro. A tradição africana estabelece sua própria lógica no princípio da ancestralidade. Nesse sentido, o que importa é a história de um povo, aquilo que foi construído ao longo do tempo e não a afirmação egoísta do eu. O eu não é nada sem a sua tradição, porque está vinculado ao seu passado, à memória daqueles que vieram antes e regulam a vida de seus descendentes distribuindo sua força e harmonia. Portanto, podemos dizer que o conceito de ancestralidade está diretamente ligado ao conceito de identidade, um não existe sem o outro (VIEIRA, 2010, p. 241-242).

Em pleno Século XXI, vem sendo possível o resgate das memórias e, principalmente, dos fundamentos da capoeiragem. Cabe a nós, capoeiristas, parar de silenciar ‘os antigos’, parar de vender aquilo que não nos pertence (a capoeira enquanto processo cultural de matriz

africana), parar de querer ‘dar voz a’ e passarmos a ‘dar ouvidos a’ quem está gritando a cerca de um século! E, na práxis (nos treinos, nas rodas e nos encontros), salvaguardar o que realmente precisa ser protegido e cuidado (contra o sistema hegemônico que já tomou de assalto a capoeiragem): os fundamentos, alicerçados na tríade berimbau, canto narrativo e corporalidade; a Capoeira Ancestral.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Frederico José de. **O batuque**: a luta braba. Salvador: Instituto Frede Abreu: Gráf. LuriPress, 2014.
- ABREU, Frederico José de. **Nagé**: o homem que lutou capoeira até morrer. Salvador: Barabô, 2017.
- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**: rito Nagô. São Paulo: Ed. Nacional, 1961.
- BIANCARDI, Emília. **Raízes musicais da Bahia**. Salvador: Omar G., 2006.
- BULE-BULE. **Bença, a ética do samba segundo Bule-Bule**. Trecho de entrevista com o repentista Bule-Bule, que faz parte do processo de montagem do espetáculo Bença. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GPakdC848IU>. Acesso em: 10 out. 2019.
- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira**: os fundamentos da malícia. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- CARYBÉ. Jogo da Capoeira. *In*: HEBEISEN, K. P. **Coleção Recôncavo**: n. 3: capoeira. Salvador: Tipografia Beneditina, 1951.
- CATUNDA, Eunice. Capoeira no Terreiro de Mestre Waldemar, **Fundamentos**, São Paulo, ano 30, n. 5, p. 16-18, 1952.
- COUTINHO, Daniel. **O ABC da capoeira Angola**: os manuscritos do Mestre Noronha. Brasília: DEFER: CIDOCA: Centro de Informação e Documentação sobre a Capoeira, 1993.
- DIANNA, Eduardo Matheus de Souza. Salvador em revolta: alguns olhares para a revolta islâmica na Bahia em 1835. **Revista Trilhas da História**, Três Lagoas, v. 5, n. 10, p. 145-161, 2016.
- DORING, Katharina. O samba de roda do recôncavo e o samba rural do agreste. *In*: SESC. Serviço Social do Comércio. **Tambores e batuques**: circuito 2013-2014. Rio de Janeiro: SESC. Departamento Nacional, 2013, p. 38-47.
- DORING, Katharina. **A cartilha do samba chula**. Salvador: Associação Umbigada, 2016.
- HALL, Gwendolyn Midlo. **Escravidão e etnias africanas nas Américas**: restaurando os elos. Petrópolis: Vozes, 2017.
- JOGO de corpo: capoeira e ancestralidade. Produção, realização e direção: Richard Pakleppa (Land Productions). Co-produção, co-realização e co-direção: Matthias Röhring Assunção (Mangangá Produções) e Mestre Cobra Mansa. Pesquisador: Matthias Röhring Assunção. Etnomusicóloga e assistente de pesquisa: Christine Dettmann. Consultora: Mariana Candido. Intérpretes: Tchilulu Ntchongolola, Angelina Lombe. Narração: Mestre Cobra Mansa. Rio de Janeiro: Mangangá Produções; Johannesburg: On Land Productions. 2013. 1 DVD (87 min.), color.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. **A questão ancestral: África negra**. São Paulo: Palas Athena, 2008.

LOBO, Graça (org.). **Terreiros de candomblé de Cachoeira e São Félix**. Cadernos do IPAC, 9. Salvador: Fundação Pedro Calmon: IPAC, 2015.

MEMÓRIAS do Recôncavo: Besouro e outros capoeiras. Argumento, roteiro e direção: Pedro Abib. Direção de produção: João Rodrigo Mattos. Produção executiva: Adler Paz. Direção de fotografia: Alexandre Basso. Som: Kico Povoas. Montagem: Bau Carvalho. Salvador: DOCDOMA Filmes, c 2008. 1 DVD (54 min), color.

MESTRE Gato Preto. **Entrevista com Mestre Gato Preto** (José Gabriel Góes): primeira parte. Entrevistador: Dorado Cajueiro, 1999 a 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZnNiVktCLCE>. Acesso em: 15 out. 2019.

MESTRE Gato Preto. **l'Art du berimbau**. França: Arion, 2001. Disponível em: <http://velhosmestres.com/br/gato-2001>. Acesso em: 15 out. 2019.

MESTRE Paraná. **Capoeira**. Rio de Janeiro: CBS, 1963. Disponível em: <http://velhosmestres.com/br/destaques-14>. Acesso em: 15 out. 2019.

MESTRE Traíra. **Capoeira da Bahia**. Salvador: Ed. Xauã, 1963. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_DP_Znejqol. Acesso em: 15 out. 2019.

MESTRE Waldemar. **Corta-braço**. Salvador, 1955. Disponível em: <https://www.facebook.com/mestrenegoativo/posts/2219043544813041>. Acesso em: 15 out. 2019. Áudio de um trecho de roda.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

PALHARES, Leandro Ribeiro. **O Berimbau Ensina! O segredo de São Cosme quem sabe é São Damião, camará**. Diamantina: UFVJM, 2018. Disponível em: <http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/handle/1/1753>. Acesso em: 1 out. 2019.

PALHARES, Leandro Ribeiro. CapoeiraS: o que queremos preservar? **Revista Vozes dos Vales**, Diamantina, v. 8, n. 16, a. 14, 2019. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/volume-xvi/>. Acesso em: 15 out. 2019.

PALHARES, Leandro Ribeiro; NONATO, Felipe Fernandes. Capoeira Ancestral: decolonizar para preservar. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS RURAIS – Guimarães Rosa e o Espaço Social Rural: narrativas interdisciplinares descolonizadoras, 1., 2018, Diamantina. **Caderno de Resumos [...]**. Diamantina: Programa de Pós Graduação em Estudos Rurais da UFVJM, 2018, p. 65-66.

PINHEIRO, Paulo César. [Compositor e Intérprete]. **Capoeira de Besouro**. Rio de Janeiro: Quitanda: Biscoito Fino, c 2010. 1 CD (ca. 58 min 37 s). 15 faixas.

PRIORE, Mary del; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais: uma introdução à história da África Atlântica**. Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 2003.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapuã 1968.

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil**: a história do levante dos malês em 1835. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

REY, Fernando Luis Gonzáles. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico cultural. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

REY, Fernando Luis Gonzáles. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

ROCHA, José Geraldo da; SILVA, Cristina da Conceição. A transmissão do conhecimento nas culturas populares de matrizes africanas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros/ABPN**, Uberlândia, v. 7, n. 15, p. 240-254, 2014.

SANTOS, Marcelino. **Capoeiras e mandingas**: Cobrinha Verde. Salvador: A Rasteira, 1991.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons dos negros no Brasil**: cantos, danças, folguedos: origens. São Paulo: Editora 34, 2008.

VADIAÇÃO. Direção de Alexandre Robatto Filho. Salvador, 1954. 1 vídeo (8 min. 11 seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dWzPaAqjeqU>. Acesso em: 15 out. 2019.

VIEIRA, Lílian Cavalcanti Fernandes. O pensamento de matriz africana e sua influência no Brasil. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros/ABPN**, Uberlândia, v. 1, n. 3, p. 239-243, 2010.

Data de recebimento: 18/05/20

Data de aceite para publicação: 18/06/20